

UM OLHAR, UMA PALAVRA, UM COMPORTAMENTO – ESTEREÓTIPOS NA (RE)CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

Sabrina Sant´Anna Rizental

Mestranda

Orientadora: Dr^a. Vanise Medeiros

Introdução

Este artigo apresenta um recorte da pesquisa de mestrado intitulada “*Refugiados: um olhar além dos estereótipos*”, realizada sob a orientação da Prof^a. Dr^a. VaniseGomes de Medeiros e coorientação da Prof^a. Dr^a. Maria Del Carmen Daher.

O trabalho de Sabrina Sant´Anna Rizental, situado na linha de pesquisa Teorias do Texto, do Discurso e da Interação, do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF, foi iniciado no primeiro semestre de 2015 e teve origem numa pergunta feita por uma colega do curso de graduação: “por que você não dá aulas de português para refugiados?” (Machado, 2013).

A sensação de inquietude provocada por essa pergunta intensificou a necessidade de buscar informações e aprofundar os conhecimentos sobre a situação das migrações e especialmente do refúgio no mundo. Desde aquele momento, muitos veículos midiáticos apresentam o Brasil como um país que abre suas portas e acolhe imigrantes de diversas nacionalidades, destacando-o como uma nação que oferece liberdade e segurança, um lugar livre de preconceitos, justamente por ser miscigenado. O país se transforma, então, num dos destinos escolhidos pelos refugiados para o recomeço, após deixar um mar de violências para trás.

A inquietação da então estudante de Letras se transformou numa urgência interna, no desejo de problematizar aspectos de um tema que tanto merece atenção. A palavra “refugiado”, agregada a outras razões pessoais, se converteu em grande motivação para investigar essa questão contemporânea.

Dizer o refugiado

Atualmente, sou professora de português para refugiados na Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro e este trabalho decorre dessa prática. Seu objetivo é pensar a construção do sujeito, que vem ao Brasil nas condições de fuga do seu país, na relação entre o que se diz sobre ele e como ele se lê no que é dito a seu respeito.

Manifestos e autores diversos reiteram a definição da palavra refugiado, em alguns casos numa tentativa de conscientização da população ou para distingui-los dos estrangeiros, dos chamados imigrantes econômicos, entre outros. Refugiado, contudo, é um significante contemporâneo que reclama sentidos, reflexões e atitudes.

Mas quem é esse refugiado que é acolhido pelo povo brasileiro? Como ele é retratado nas distintas vozes? Como ele se percebe na fala do outro? O que lhe é dito ao chegar no Brasil, ao ser acolhido nas grandes capitais, como o Rio de Janeiro? O que lhe é silenciado, mas que mesmo não dito pode ser sentido?

“O Brasil é um país de asilo e exemplo de comportamento generoso e solidário” (ACNUR, 2014). O discurso proferido por António Guterres, durante sua visita ao Brasil em novembro de 2005, e publicado no sítio do Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados, reforça uma imagem de país acolhedor e hospitaleiro, de um povo que recebe bem o refugiado. Mas essa afirmativa nem sempre é coerente com a realidade vivenciada em cidades como o Rio de Janeiro e outras que recebem um fluxo maior de estrangeiros nessa condição.

Neste recorte nos centraremos em fragmentos de um artigo em circulação recente no G1, publicado em 16/09/2015, e em alguns trechos do discurso de um refugiado, para propor considerações sobre os efeitos de sentidos causados pelo estranhamento do “outro”, o imigrante, o solicitante de refúgio, o refugiado. Esse outro, cuja única escolha é adaptar-se à realidade da comunidade destinatária, após ser forçado a deixar sua terra, sua família, tudo o

que construiu e conquistou para lutar pelo simples direito de viver. O outro que, com sua cultura, sua ideologia e também a ferida secreta que o lança no “vagar constante” dita por Kristeva (1994, p. 12), suscita efeitos de sentidos diversos, como compaixão, medo, descaso, entre tantos outros.

Vejamos alguns exemplos destacados do artigo do G1:

Desde aquela cena perpetuada em foto, que mostra uma criança morta na praia turca, vítima da guerra na Síria e da vontade de seus pais fugirem do país tenho tido curiosidade de conhecer melhor a história **dessas pessoas** que se tornaram quase um símbolo do século XXI. **Recebem o apelido de refugiados** porque é impossível dar nome e condição a cada um. (Fonte:<http://g1.globo.com/natureza/blog/nova-etica-social/1.html>. Destaques nossos)

Se o evento jornalístico da foto do menino suscitou um interesse sobre os refugiados, por que a colunista diz ter curiosidade de conhecer à história “dessa pessoa”? Quem são “essas pessoas”? O que faz com que a colunista as identifique dessa forma? Por que ela diz que eles recebem o “apelido” de refugiados, quando na verdade os imigrantes solicitam um pedido de reconhecimento dessa condição, imediatamente após sua entrada no país, e, em alguns casos, depois de um período de espera, por vezes longo, recebem a aprovação e são juridicamente reconhecidos por essa denominação?

Breve histórico

Em 2013, ao iniciar a investigação sobre o refúgio no Brasil, não encontramos quantidade significativa de trabalhos acadêmicos, especialmente na área de Letras ou Linguística, sobre este tema específico, apesar da temática das migrações já naquela época contar com um acervo mais expressivo.

Quando delimitamos o foco no Rio de Janeiro, notamos que as informações sobre os refugiados que viviam nessa cidade eram escassas e de difícil acesso.

Então surgem outras questões:

- Por que não se falava desse tema na capital carioca?

- O que era dito naquele momento e o que atualmente se diz sobre os refugiados que vivem no Rio de Janeiro?

Rosane Amado, professora da Universidade de São Paulo que coordena um dos programas de ensino de português para refugiados, afirma que:

Embora o Brasil seja um país de imigrantes, tendo recebido, durante os últimos 500 anos, estrangeiros vindos das mais diversas partes do globo e um número crescente de pedidos de refúgios nas últimas décadas, só recentemente os governos têm atentado para a urgência de um atendimento ao **imigrante refugiado** que o insira na sociedade envolvente. (AMADO, 2011. Destaques nossos)

Neste artigo não trataremos da denominação deste estrangeiro que aqui aporta, mas é interessante observar a forma como Rosane o nomeia “imigrante refugiado”, no trecho destacado acima, instigando possíveis sentidos distintos dos efeitos gerados pela fala da colunista do G1.

Apresentamos os gráficos a seguir para indicar a evolução das solicitações de refúgio e dos reconhecimentos aprovados no Brasil, num período de quatro anos.

GRÁFICO 01 Novas solicitações de refúgio (por ano)

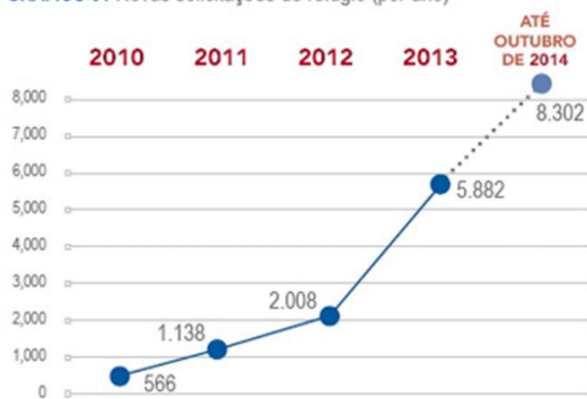


GRÁFICO 02 Refugiados reconhecidos no Brasil



<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>

Os números atualizados, divulgados pelo ACNUR em agosto de 2015, são de 8.400 refugiados reconhecidos e 12.666 solicitações de refúgio pendentes de análise. Pouco mais de 3.000 imigrantes, entre solicitantes e refugiados, vivem na capital carioca.

Durante o seminário que celebrou o Dia Mundial dos Refugiados, data comemorada em 20 de junho, a procuradora-chefe da Procuradoria Regional do Trabalho da 1ª Região, Tereza Cristina Basteiro inicia a sua fala com a leitura de um trecho da reportagem do jornal El País, que aponta um deslocamento de mais de 50 milhões de pessoas refugiadas e desalojadas no mundo, superando pela primeira vez a cifra de vítimas forçadas ao êxodo durante a segunda guerra mundial, segundo dados publicados pelo ACNUR.

Contudo, apesar dos números, das reportagens e da publicação da foto do garoto, ainda há comentários que remetem a um não dito simbólico: “Ora, e por que eles saíram do país deles? Por que não enfrentaram a guerra?” (Fonte: <http://g1.globo.com/natureza/blog/nova-etica-social/1.html>). Tal fala, trazida no texto pela própria colunista, ao se referir a uma amiga que declinou um convite para acompanhá-la a uma visita a refugiados sírios, produz efeitos que podem dar um sentido ambíguo ao seu discurso. Sua fala alude a interdiscursos e, ao mesmo tempo que gera efeitos de compaixão e solidariedade, traz à tona vozes e escolhas lexicais que contradizem esses sentidos, como a fala da amiga, a definição da palavra refugiado como um “apelido” e mesmo a referência a “essas pessoas”.

Refugiado

Estrangeiro? Diferente? Ameaçador? Uma palavra? Um número? O resultado de difíceis decisões? Um sonho de nova vida? Um pesadelo? Quantos possíveis efeitos de sentido podem ser gerados por uma única palavra? Efeitos passíveis da interpretação de cada membro de uma comunidade, de acordo com a sua história e a sua ideologia.

Em uma de suas obras Orlandi afirma que “a interpretação faz sujeito, a interpretação faz sentido” (Orlandi, 2012, p. 83).

Segundo Pêcheux:

Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso. (PÊCHEUX, 2008, p. 53)

E é neste ponto que se encontra a questão das disciplinas de interpretação: é porque há o outro nas sociedades e na história, correspondente a esse outro

próprio ao linguajeiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade e interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memórias, e as relações sociais em rédea de significantes. (PÊCHEUX, 2008, p. 54)

O refugiado recém-chegado não conhece a língua, nem os códigos, possui memórias distintas, mas também suscita as memórias do lugar onde aporta. Ele traz em sua bagagem uma singularidade que impressiona, atraindo e ao mesmo tempo causando repulsa. Ele é o outro que perturba por sua semelhança e diferença, o outro que provoca.

Esse discernimento dos traços do estrangeiro, que nos cativa, ao mesmo tempo nos atrai e repele: “Pelo menos, sou também – singular e portanto devo amá-lo” diz para si o observador; “não, prefiro a minha própria singularidade e portanto devo matá-lo”, pode ele concluir. Do amor ao ódio, o rosto do estrangeiro nos força a manifestar a maneira secreta que temos de encarar o mundo, de nos desfigurarmos todos, até nas comunidades mais familiares, mais fechadas. (KRISTEVA, 1994, p. 11)

Análise

Com base nos estudos da Análise do Discurso (Pêcheux, Orlandi) e também de outras áreas que discorrem sobre o tema do refúgio, pretendemos propor uma problematização e uma reflexão sobre as condições de produção desses discursos, o dito e o não dito que permeiam o processo de construção desse sujeito no novo cenário.

Vejamos, então, o que diz o próprio imigrante refugiado¹, através de fragmentos do discurso feito por Charly Kongo, procedente da República Democrática do Congo, no mesmo evento em que Tereza Basteiro fez o seu pronunciamento:

“Não **deixamos** nosso país por uma escolha. A única opção que **tínhamos** era entre morrer ou viver. **Escolhemos viver e queremos viver** dignamente. Não **somos** diferentes das **outras pessoas**. Queremos liberdade, queremos paz e queremos uma vida digna”. (Kongo, 2015. Destaques nossos).

Nessa fala observamos uma reafirmação do significante refugiado e uma alusão aos estereótipos construídos ao longo da história, quando Charly defende uma posição de

¹ Adotando a denominação dada por Rosane Amado (USP).

igualdade com as “outras pessoas”. Mas quem são as outras pessoas? Essa pergunta também retoma a nomeação dada pela colunista do artigo do G1, “essas pessoas”.

Ao incluir-se no discurso-deixamos, tínhamos, escolhemos, queremos, somos – como o *eu* ampliado, sua voz produz uma aproximação com o destinatário, provocando empatia e sensibilização.

Outros fragmentos de Charly:

Não é verdade o que **dizem** sobre os **refugiados** e sobre os **migrantes**. **Não** viemos roubar os empregos dos que vivem aqui. **Não** viemos viver dos seus benefícios ou de suas riquezas. Viemos ajudar a construir seu país, a contribuir com o crescimento da sua cidade (KONGO, 2015. Destaques nossos).

Podemos observar efeitos de sentido que remetem a um interdiscurso. Quem Charly desmente nessa fala? Qual discurso ele contradiz?

No fragmento a seguir destacamos as equações explicitadas na fala, que são atravessadas pelos estereótipos: africanos – analfabetos; árabes – terroristas; colombianos – traficantes.

Só pelo fato de sermos **africanos**, somos considerados **analfabetos**, pensam que não temos cultura ou formação, que somos ignorantes. Pelo fato de sermos **árabes**, pensam que somos **terroristas**... se somos **colombianos**, somos **traficantes**. [...] Porque somos **estrangeiros**, **refugiados**, ficamos com as piores funções e condições de trabalho. (KONGO, 2015. Destaques nossos)

Novamente verificamos a inclusão de Charly como *eu* ampliado, nomeando-se primeiramente como estrangeiro e depois como refugiado.

Em outro trecho de seu proferimento temos: “Somos muito muito gratos pela acolhida que o Brasil nos dá. Somos gratos porque o Estado brasileiro **nos recebe como refugiados**, assim como recebe outros migrantes” (Kongo, 2015. Destaques nossos).

Nesse fragmento a palavra refugiados é inserida como a nomeação pelo outro, mas também remete a um interdiscurso do contexto jurídico, uma vez que o Brasil recebe os imigrantes e, em alguns casos, lhes concede o reconhecimento legal da condição de refugiado.

A fala a seguir poderia remeter a efeitos de sentidos de uma formação discursiva colonial escravocrata confrontando uma formação discursiva capitalista? “Por tudo isso, queremos sua ajuda para que possamos ter trabalhos dignos. Pedimos que nos ajudem para que não sejamos tratados **como escravos** e para que não **nos explorem**” (Kongo, 2015. Destaques nossos).

Entre a formação discursiva escravagista e a capitalista, onde ficam os imigrantes refugiados que aqui aportam?...

Considerações finais

Diante do exposto, finalizamos a nossa análise com as reticências que indicam um caminho a ser percorrido. Uma jornada na qual devemos considerar os matizes sutis que constituem os discursos sobre os refugiados, pois estamos lidando com seres humanos que possuem direitos à aceitação e à integração numa nova comunidade, sem que devam ser mutilados em sua identidade, memória e história.

Afinal, como explicar em outra língua a dor do refúgio? Com base nos teóricos da Análise do Discurso, esperamos desenvolver um trabalho que, de alguma forma, possa promover uma conscientização da dor desse público que, arrancado de suas raízes, de sua cultura, de sua língua, alimenta a esperança de conquistar um espaço solidário e a oportunidade de ler-se no discurso do outro, sentindo o respeito ao qual ele é igualmente digno.

Como o próprio nome da pesquisa sugere, o processo de (re)construção desse sujeito, na terra que adotou para recomeçar a vida, requer um comportamento e um olhar diferenciado, um olhar além dos estereótipos.

REFERÊNCIAS

AMADO, R.S. Português como segunda língua para comunidades de trabalhadores transplantados. *Revista da Simple*. Brasília, outubro 2011 (online).

GONZALEZ, A. O sucesso dos jovens sírios que vendem salgados no Rio e nossa chance de conhecer melhor a história de refugiados. G1. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <http://g1.globo.com/natureza/blog/nova-etica-social/post/o-sucesso-dos-jovens-sirios-que->

[vendem-salgados-no-rio-e-nossa-chance-de-conhecer-melhor-historia-de-refugiados.html](#)

Acesso em: 16/09/2015.

KONGO, C. *Proferimento*. Ministério Público do Trabalho no Rio de Janeiro (MPT RJ). Rio de Janeiro, 2015.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ORLANDI, Eni P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 6ª Ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 5ª Ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

TROYA, M.S. e BLANCO, S. Un mundo de refugiados. *El País*. Espanha, 2015. Disponível em <http://elpais.com/especiales/2015/refugiados/>. Acesso em: 29/06/2015.

UNHCR ACNUR. O ACNUR no Brasil. Brasil, 2014. Disponível em <http://www.acnur.org/t3/portugues/informacao-geral/o-acnur-no-brasil/>. Acesso em: 21/09/2014.

_____. Ministério da Justiça anuncia fortalecimento do CONARE e lança campanha de sensibilização. Brasil, 2015. Disponível em <http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/ministerio-da-justica-anuncia-fortalecimento-do-conare-e-lanca-campanha-de-sensibilizacao/>. Acesso em: 21/08/2015.